

A Necessidade da Teologia Sistemática

Dr. Rousas John Rushdoony

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto¹

Sábado passado, enquanto viajava para Los Angeles, ouvi no rádio do meu carro a transmissão da pregação de um evangelista do outro lado do país. Embora alegando pregar a palavra de Deus como um cristão crente na Bíblia, ele pregava uma fé que eu não poderia reconhecer como bíblica, nem o Deus do qual ouço falar na Bíblia. Esse homem assegurou seus ouvintes convertidos e não-convertidos que “Deus está *sempre* do seu lado”. Ele também falou de Deus como nosso “Papai” no céu, rico em recursos e ávido e ansioso em nos ajudar, se apenas permitirmos que Ele assim o faça. Eu não pude reconhecer no que ele pregou o Deus soberano da Escritura, nem algo que lembrasse os Seus mandamentos, a Bíblia. O evangelista era um humanista que estava usando, ou tentando usar, Deus como a maior fonte possível disponível ao homem; central ao seu pensamento era o homem e as necessidades deste. Ele carecia de qualquer teologia sistemática de Deus; em vez disso, havia traços em sua breve mensagem de uma teologia do homem como o verdadeiro centro e o deus das coisas.

Bem resumidamente, a teologia sistemática diz que Deus é Deus. Ela declara que, porque Deus é soberano, onipotente, todo sábio, todo santo, e conhece desde a eternidade tudo o que Ele ordena e decreta, não existe, portanto, nenhuma possibilidade oculta ou potencialidade em Deus, mas que Deus é tanto plenamente auto-consciente como totalmente auto-consistente. Somente com tal Deus a teologia sistemática é possível. Onde quer que a fé na soberania de Deus decline, aí também a teologia entra em eclipse.

A palavra *sistemática* em teologia sistemática significa, entre outras coisas, primeiro, que ela é uma declaração abrangente e unificada do que a Escritura como um todo ensina sobre Deus. A revelação de Deus na Escritura é reunida numa forma resumida e abrangente, e os resultados da teologia

¹ E-mail para contato: felipe@monergismo.com. Traduzido em junho/2008.

bíblica, a exegese e análise da Escritura e seu significado, são organizados e apresentados.

Segundo, a palavra sistemática significa que o Deus totalmente soberano, que não muda (Mt. 3:6), é verdadeiramente cognoscível. Ele é sempre o mesmo. Os homens mudam de caráter, crescem e regridem, mas Deus é sempre o mesmo, totalmente auto-consistente e absolutamente soberano. Somente sobre tal Deus uma palavra sistemática é possível. Esse é o porquê a teologia moderna não pode produzir sistemáticas. A posição de Karl Barth era uma negação da possibilidade de sistemáticas. Assim, ele escreveu,

Mas não é o “Todo-Poderoso” que é Deus. Nós não podemos entender quem Deus é do ponto de vista de um conceito supremo de poder. E o homem que clama ao Deus “Todo-Poderoso” erra na sua concepção da maneira mais terrível, visto que o “Todo-Poderoso” é mau, da mesma forma que “poder-em-si” é mau. O “Todo-Poderoso” representa o caos, o mal, o diabo. Não haveria melhor descrição e definição para o diabo do que pensar nessa idéia de uma capacidade livre, soberana e independente... Deus e “poder-em-si” são conceitos mutuamente exclusivos. Deus é a essência do possível, mas “poder-em-si” é a essência do impossível.²

O Deus de Barth não é o Deus da Escritura que declara: “Eu sou o Deus Todo-Poderoso” (Gn. 17:1). O Deus de Barth é um conceito limitado, o produto da imaginação do homem. Barth nos dá apenas uma exposição sistemática de sua incredulidade; ele não pode nos dar uma teologia sistemática do Deus da Escritura.

Similarmente, Haroutunian sustentava que a teologia sistemática era impossível, pois tal doutrina de Deus não pode “fazer justiça às complexidades da vida humana”.³ O centro da teologia de Haroutunian é a vida humana: o Deus da Escritura não pode em nenhum grau, nem em sentido algum, colidir com a soberania do homem autônomo. Por

² Karl Barth, *Dogmatics in Outline*, p. 48. New York: Philosophical Library, 1949.

³ Joseph Haroutunian, *First Essay in Reflective Theology*, p. 10. Chicago: McCormick Theological Seminary, 1943.

consequente, para ele teologia sistemática é uma ilusão,⁴ pois o Deus da teologia sistemática é por definição excluído de toda consideração.

Em *terceiro* lugar, sistemática significa que a pressuposição da teologia não é a mente do homem autônomo, mas o Deus soberano da Escritura. A sistemática, como a apologética, não procura provar Deus e Sua existência; antes, ela pressupõe o Deus triúno como o único fundamento e significado do raciocínio e prova. Como Van Til demonstrou tão excelentemente, “todas as disciplinas devem pressupor Deus, mas ao mesmo tempo a pressuposição é a melhor prova”.⁵ Sobre qualquer outra pressuposição, se aplicada logicamente, nenhuma prova é possível, pois toda realidade é reduzida à factualidade bruta, como Van Til mostrou.⁶ Em vez de factualidade bruta e sem sentido, todo o universo nos dá somente a factualidade criada por Deus, e por conseguinte a pressuposição necessária para todo pensamento é o Deus triúno.

Quarto, como Van Til sempre enfatizava, a sistemática nega o conceito de neutralidade. Não existe nenhum fato neutro, nenhum pensamento neutro, nenhum homem neutro e nenhum raciocínio neutro. Todos os homens, fatos e pensamentos ou começam com o Deus soberano e triúno, ou começam com rebelião contra Ele. A sistemática afirma esse Deus; a negação da sistemática é uma negação de Deus.

Quinto, a sistemática é necessária se os homens hão de pensar inteligente e logicamente. Sem o conceito de sistemática e o Deus que ela apresenta, não podemos sustentar um universo racional e cognoscível, nem qualquer ordem com significado nele. A razão e lógica do homem não-regenerado são em essência mais que irracional: elas são absurdas. A sistemática não somente torna o raciocínio racional, mas declara que existe uma conexão necessária e significativa entre todos os fatos, pois todos os fatos são criação do Deus soberano e onipotente e, assim, revelações do Seu propósito e ordem. A idéia de pregar todo o conselho de Deus é uma possibilidade apenas se a sistemática for uma realidade. De outra forma, não existe nenhuma conexão e unidade necessária e real na palavra de Deus, e temos em vez disso, sob diferentes dispensações, uma palavra e plano mutáveis e em desenvolvimento.

⁴ *Idem.*

⁵ Cornelius Van Til, *An Introduction to Theology*, vol. I, p. 3. Philadelphia: Westminster Theological Seminary, 1947.

⁶ Ver R. J. Rushdoony, *By What Standard? An Introduction to the Philosophy of Cornelius Van Til*. Fairfax, Va.: Thoburn Press, (1958) 1974; e R. J. Rushdoony, *The Word of Flux*. Fairfax, Va.: Thoburn Press, 1975.

Temos então uma palavra fragmentada, não um conselho inteiro que é uma unidade necessária e autoritativa.

Assim, sem sistemática não existe nenhuma palavra, e, na verdade, nenhum Deus como Sua revelação na Escritura apresenta. Temos então outro deus com uma palavra ocasional que é constituída de momentos de *insight*, e de poderes superiores ao homem, mas não um Deus absoluto, todo-poderoso e soberano, cuja palavra é infalível, e cuja revelação manifesta o único sistema de verdade possível. Esse Deus vivo declara: “Eu sou Deus, e não há outro Deus, não há outro semelhante a mim” (Is. 46:9). Não existe outro Deus, nem outra verdade, outra possibilidade, sistema ou significado fora dele. Ele é Deus o Senhor.

Fonte: *Systematic Theology – volume 1*, Rousas John Rushdoony, p. 59-61.